

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

A NÃO HIERARQUIZAÇÃO DO SABER EM ATIVIDADES COLETIVAS NAS CLASSES POPULARES E OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS¹

Marcelo Denardi², Enio Waldir Da Silva³.

¹ Trabalho resultante dos estudos no Projeto Economia Solidária e Cooperativismo Popular na Região de Ijuí, apoiado pelo CNPq e vinculado à Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social da Unijuí (Itecsol Unijuí). Coordenado pelo Professor Dr. Enio Waldir da Silva.

² Aluno do Curso de Graduação em Direito da Unijuí, bolsista do CNPq no Projeto, marcelo.denardi1989@hotmail.com.

³ Professor orientador.

Introdução

Desde que o mundo é mundo e as pessoas existem, a sociabilidade nos proporciona uma infinidade de relações. Essas relações, por sua vez, podem indicar instrumentos de dominação, de subjugação, de subalternização, tanto em um macrossistema, como o que abrange um conceito de colonialidade (a colonialidade diz respeito a uma subjugação de poder e de saber oriunda do implemento da modernidade e que deixa o legado epistemológico de uma ideologia eurocêntrica, impedindo de se compreender o mundo e o lugar em que se vive a partir daquilo que lhe é próprio), quanto nos microssistemas de interação humana, que de igual forma podem se colocar como espaços em que se operam tais instrumentos. O trabalho desenvolvido no Projeto “Economia Solidária e Cooperativismo Popular na Região de Ijuí”, em que se atua com grupos de indivíduos em vulnerabilidade social, refuta essas práticas e procura desenvolver alternativas “outras”, tendo em vista que entre suas metas a maior diz respeito à formação de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, e que para que o trabalho dentro dela se desenvolva da melhor forma possível há a necessidade de obtenção de um conhecimento, de uma conscientização acerca desse trabalho cooperativo-solidário pelos que dela fazem parte. Esse resumo, então, como forma de sistematização das experiências obtidas através de mais de ano do decurso do Projeto, tem como objetivo analisar o desenvolvimento da práxis da Educação Popular nesses grupos.

Metodologia

O método de pesquisa empregado foi o de pesquisa bibliográfica com intuito de formação de referencial teórico para futuras instigações dentro da pesquisa-ação praticada dentro dos grupos, ou seja, tem-se assim o aspecto de ambas as metodologias, mas em momentos distintos de aplicação. A prévia produção de conhecimentos científicos sobre o tema embasa e serve de suporte para as reflexões e vivências que emergem nos grupos, orientando as situações que surgem nesse processo de transformação.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

Resultados e discussão

Para Barcelos (2010), a prática da efetiva atividade cidadã, aqui através do entendimento e da promoção da sustentabilidade na geração de trabalho e renda de modo justo, exercida por indivíduos que vivem em vulnerabilidade social, perpassa por toda uma estruturação capaz de levar a esses agentes uma formação humana, conhecimentos e informações que possam auxiliá-los nessa geração e até mesmo na administração dos mesmos, pois, como vulneráveis que são, este é o meio através do qual esses indivíduos buscam atender as suas necessidades mais básicas. É nesse diapasão que ganha guarida na atuação da equipe multidisciplinar do Projeto, nos grupos de catadores de materiais recicláveis em que atua, as concepções Freirianas de uma “pedagogia do oprimido”. Busca-se, dessa forma, construir uma metodologia de formação não assistencialista, mas capaz de possibilitar a construção do conhecimento novo, considerando as experiências próprias de vida de cada indivíduo, possibilitando a mudança de ideias e crendo na construção e desenvolvimento pela união. Para Freire (1987), a dicotomia presente na humanidade, e que coloca em lados opostos opressores e oprimidos, só pode ser superada através da conscientização destes (oprimidos), o que os levará à sua libertação e à recuperação de sua humanidade roubada. Para isso, a Educação Popular aparece como instrumento dialógico, onde:

Educador e educandos (lideranças e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvela-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de re-criar este conhecimento [e] ao alcançarem, na reflexão e na ação comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes (FREIRE, 1987, p. 31-32) (grifo nosso).

Busca-se, no entanto, de certa forma amenizar a ideia de aparente “praticidade” da Educação Popular que é trazida a tona por Santos (2011). Para o autor, essa “realidade” trazida por Freire se refere, ainda que como tendo por início, ao local e perspectivas dos sujeitos no processo dialógico, priorizando o pensamento subjetivo na análise da realidade em detrimento do saber científico, havendo, dessa forma, um recuo da teoria e uma valorização do empirismo, e, assim, a impossibilidade de sua transformação, pois esta só é possível de ser alcançada mediada pelas lutas e pelo conhecimento em seus níveis mais avançados. Como Santos leciona, “o praticismo é aqui entendido como a ação prático-utilitária visando a fins imediatos sem as mediações de análises teóricas de caráter histórico-social nos processos de intervenção social e política” (2011, p. 157).

Com isso, a metodologia de formação que foi empregada na busca pela conscientização dos indivíduos nos grupos é embasada no saber científico, teórico, mas não deixa de lado, quando das discussões e diálogos, os saberes próprios daqueles indivíduos que em muitas vezes já atuam há anos nesse ramo e que, por essa razão, não podem ser desconsiderados. Essa base é, então, tendo em vista as metas traçadas no Projeto, direcionada para os princípios da Economia Solidária e do Cooperativismo, pois a formação de uma cooperativa em que se dará a atuação desses catadores pressupõe a conscientização orientada para esses fins, quais sejam: o trabalho cooperativo, a solidariedade, a autogestão, a organização eficiente, etc.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

A Economia Solidária (ES) é voltada para o ser humano, para a solidariedade entre os indivíduos e para a organização de forma democrática, visando a produção e a comercialização, ou oferecimento de serviços, de forma consciente, sustentável, e acaba encontrando uma forma que converge com esses princípios, além de outros, na sociedade cooperativa. Essa é entendida como uma associação de pessoas que desenvolve uma atividade econômica, mas não visa o lucro, e que através dos esforços conjuntos busca um ganho a ser rateado entre seus associados. Acontece que, em que pese os indivíduos futuros integrantes dessa cooperativa, e hoje integrantes das Associações incubadas (a Itecsol Unijuí tem incubadas hoje duas associações de catadores de materiais recicláveis, a Acata e a ARL-6), já há tempos participarem de formação sobre ES, é necessário também uma formação voltada para essas práticas cooperativistas, não podendo os mesmos ser inseridos em um contexto, e em uma forma organizacional que preza por determinados princípios, de qualquer forma, correndo o risco de se subverter completamente os ideais traçados por ela. Conforme Safanelli et al (2011, p. 6), essa educação/capacitação é primordial e somente através dela, respaldando a administração, é que os associados adquirirão consciência e trarão estabilidade e desenvolvimento para a cooperativa:

A adesão, sem educação, ou estará ausente em absoluto, ou se converterá em um gregarismo de conveniências; a democracia será tirania, oligarquia ou demagogia; a empresa, com seu capital, seus serviços e suas operações se tornará em mais um negócio, como tantos outros; os excedentes se converterão em uma melhor expressão do 'homem, lobo do homem', e a integração estará ausente acarretando o isolamento, a competição e o anticooperativismo, porém não a solidariedade humana que o cooperativismo pretende implantar em todo o mundo (grifo nosso).

Além do mais, essa educação ganha papel relevante na perspectiva de que a cooperativa não desempenha somente um papel econômico, mas também social e cultural dentro de uma comunidade, havendo a necessidade de se dirimir os conflitos de papéis dos membros, que são simultaneamente donos e usuários do empreendimento, de se separar as demandas específicas dos sócios das demandas do grupo e de solucionar os problemas financeiros e gerenciais de sua atuação, sendo isso possível somente com a conscientização e com a participação de todos os envolvidos (MENDES e PASSADOR, 2010).

Com o transcorrer do Projeto, através das reuniões semanais ou quinzenais e dos ciclos de formação desenvolvidos nos grupos, foi possível observar a incidência de obstáculos na efetiva aplicação e assimilação dessas práticas. Esses obstáculos percorrem, também, desde os campos culturais e sociais até o econômico. De início se percebe o estranhamento que esses indivíduos têm com alguém que é "de fora" e que está querendo orientar suas ações, até mesmo a linguagem, que apesar do esforço do interlocutor de orientar e de adequar seu discurso, muitas vezes não é feita de forma tão eficaz, ou então com a dificuldade de realmente compreender, interiorizar e aplicar no futuro o que foi aprendido, surgindo situações em que os próprios associados discutem e decidem algo em assembleia e na semana seguinte a prática é antitética. Há, ainda, a dificuldade de se romper com o

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

viés individualista dos sujeitos, tão presente na modernidade, e de planejar e estruturar políticas mais amplas, o trabalho coletivo e a solidariedade com outros grupos. Isso tudo é impossível de se dissociar do lado econômico da problemática, pois como são indivíduos em vulnerabilidade, excluídos e marginalizados, ocorre que os mesmos estão munidos de necessidades imediatas, possuindo pouca renda e, dessa forma, precário acesso à alimentação, saúde, vestuário, moradia, etc. e isso acaba se tornando em fator preponderante nas suas atuações dentro dos grupos.

Explicar isso não é difícil, podemos nos socorrer da psicologia da Teoria da Pirâmide de Maslow, muito bem explicitada por Ferreira, Demutti e Gimenez (2010) em que as necessidades humanas são hierarquizadas e postas em forma de pirâmide, dispostas em cinco categorias diferentes (fisiológicas, de segurança, sociais, de autoestima e de autorrealização), sendo que as duas primeiras são as de níveis mais baixos e as outras três de nível mais alto. Essas necessidades se referem à privação de certas satisfações e servem como motivação do indivíduo para a busca de sua concretização, sendo que a observância é de forma ascendente e vai de um nível a outro após a satisfação do anterior. Na própria pesquisa, empregada pelos autores, fica comprovado, ainda, que o grau de importância e ascensão aos níveis mais altos é de certa forma proporcional ao grau de instrução e escolaridade dos indivíduos, não restando dúvidas de que os mais vulneráveis acabam realmente dando mais importância aos níveis mais baixos. Isso acaba refletindo na própria visão e no sentido que é dado ao trabalho dentro do grupo da cooperativa. Na pesquisa realizada por Mendes e Passador (2010, p.13) o maior grupo de associados de uma cooperativa, 50% da amostra, via a “[...] cooperativa como uma empresa qualquer e que tem como objetivo principal gerar lucro, apesar de ser uma sociedade de pessoas e não de capital”. Da mesma forma na pesquisa de Dal Magro e Coutinho (2008, p. 706), o trabalho era visto como um meio puro e simples de prover a subsistência, fazendo com que:

As dificuldades acarretadas por esta forma de inserção no empreendimento, motivada especialmente pela necessidade econômica, é que os trabalhadores não entravam comprometidos e implicados com os princípios que deveriam reger os modos de trabalho nesse espaço.

Como já dito, explicar isso não é difícil, a questão é justamente desenvolver alternativas para contornar esses obstáculos e desenvolver aqueles princípios e aquelas práticas que dão um caráter de dignidade à vida e ao trabalho dessas pessoas. E isso é possível, e se busca, através da conscientização advinda da reflexão no processo dialógico que integra a Educação Popular. Busca-se no plano teórico-científico embasamento e suporte para as soluções dos problemas que possam desse processo surgir, e se necessário for, para a real compreensão e assimilação do conjunto pelos integrantes, isso se repete e constantemente é lembrado para que possa efetivamente ser empregado e tenha eficácia.

Conclusões

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

Ficou evidenciado, portanto, que no decorrer destas atividades do Projeto se pratica a Educação Popular e, como tal, se enfrenta os mesmos problemas: encontrar uma gramática social que supere as hierarquias culturais entre educadores e educandos. Sim, pois se as expressões tivessem sentido somente para entendimento tudo seria mais fácil, mas a linguagem é fruto da consciência e esta não é fruto somente da linguagem, pois nela está inserido o mundo vivido e as perspectivas de futuro. Enquanto no educador a presença da linguagem expressa um mundo vivido sem vulnerabilidade, sua perspectiva está mais na reação do outro sobre a leitura que se faz do mundo. Já no educando, a vulnerabilidade fala mais alto e sua perspectiva é sair da vulnerabilidade. O primeiro tem como objeto a formação da consciência e o segundo a transformação da realidade. O mundo das necessidades que faz brotar a força da linguagem é diferente nos dois sujeitos em análise. Se é certo que a questão dos educandos é transformar o mundo, certo é, para os educadores, que não se transforma o mundo sem ter consciência. Esta não surge de atitudes colonizantes. Uma das questões que fica em aberto é exatamente o tempo que se leva para conscientizar e o tempo necessário para formar a consciência e as realidades que atravessam este tempo (novas realidades políticas, novos saberes, novas dimensões econômicas, novos desafios dos desejos e afetividades – advindas da vida familiar, etc.- e novos horizontes culturais). Os educandos e os educadores não são classes homogêneas e não estão ali parados, dedicados o tempo todo ao esforço de conscientização para transformação. Falta equipe mais constante de educadores e faltam espaço e paciência histórica para manter educandos em esforço contínuo para ações conscientes que transformem suas vidas de maneira mais duradoura. Além de cooperativismo para os educandos, também falta cooperativismo para os educadores e, assim, não se consegue traçar horizontes de sentido onde os dois saberes se encontrem para unir esforços descolonizadores e as inteligências gerem diálogos onde não prevaleçam hierarquias privilegiadoras de posições. Insere-se aqui a compreensão de Freire de que o sonho dos oprimidos não pode ser o de virar opressor e de que o educador sempre deve ser, também, educando. As posições e funções diferenciadas que surgem tanto numa associação como numa cooperativa devem advir da aptidão que os sujeitos possuem para exercê-las e não dos privilégios que as mesmas possam proporcionar.

Palavras-chave: Catadores; Conscientização; Cooperativa; Educação Popular.

Referências

BARCELOS, Eronita Silva. A formação humana nos caminhos da produção da vida cidadã. In: BARCELOS, Eronita Silva; RASIA, Pedro Carlos; SILVA, Enio Waldir (Orgs.). Economia Solidária: sistematizando experiências. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2010. p. 173-182.

DAL MAGRO, Márcia Luíza Pit; COUTINHO, Maria Chalfin. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “empreendimentos solidários”. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 703-711, out./dez. 2008.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: V Seminário de Inovação e Tecnologia

FERREIRA, André; DEMUTTI, Carolina Medeiros; GIMENEZ, Paulo Eduardo Oliveira. A teoria das necessidades de Maslow: a influência do nível educacional sobre a sua percepção no ambiente de trabalho. In: XIII Semead, 2010, São Paulo. Anais eletrônicos do XIII Semead. São Paulo: FEA-USP, 2010. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/703.pdf>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. 107 p.

MENDES, Mônica Martins; PASSADOR, Cláudia Souza. Educação cooperativista, participação e satisfação dos cooperados: verdades incertas. In: I Encontro brasileiro de pesquisadores em cooperativismo, 2010, Brasília. Anais eletrônicos do Observatório do Cooperativismo. Ribeirão Preto: FEA-RP/USP, 2010. Disponível em: <http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/18.pdf>.

SAFANELLI, Arcângelo dos Santos et al. A educação cooperativa: valorização do ser humano. In: XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 2011, Florianópolis. Anais dos Colóquios Internacionais sobre gestão Universitária. Florianópolis: Repositório Institucional da UFSC, 2011.

SANTOS, Cláudio Felix dos. Praticismo e conhecimento na educação popular. Práxis Educacional, Vitória da conquista, v.7, p. 157-173, 2011.